

PLANO DE ENSINO REMOTO

Disciplina:	HST 510084	Semestre:	2022.2	Turma:	
Nome da disciplina:	Seminário da linha História Indígena, Etnohistória e Arqueologia				
Professor:	Juliana Salles Machado				
Monitores/estagiários:					
Horário na grade:	sexta-feira 9:00-12:00hs - online				
Horário(s) de atendimento do professor:	Segunda, 10:30 as 11:30 ou com agendamento prévio				
Forma(s) de atendimento:	<i>webconferência e/ou chat e/ou e-mails e/ou mensagens via moodle</i>				
Email do professor:	juliana.salles.machado@ufsc.br				
Email do monitor/estagiário:					
Website/blog/moodle:	leia.ufsc.br e Moodle				
Ementa:					
<p>Tendo como eixo temático os ameríndios e suas interconexões históricas para além das fronteiras locais, o seminário desta linha de pesquisa introduz aos alunos sua opção de conjugar pesquisas etnográficas com análises de documentações textuais e materiais abarcando contextos atuais, coloniais e pré-coloniais. A partir de exercícios de leitura, análise de fontes diversas e debates sobre os projetos de pesquisa dos alunos, pretende-se discutir o conjunto de abordagens propostas pela linha que se desdobram em temas tais como memória e representações, conexões globais e formas de interação e resistência, tecnologia e território, cotidiano, cultura material, tradição oral/escrita, e educação e formação intelectual.</p>					
Objetivos:					
<p>O objetivo desta linha de pesquisa é refletir sobre as populações indígenas numa perspectiva de escala global e de longa duração, aliando abordagens teórico-metodológicas da história indígena, da etnohistória e da arqueologia. De caráter multidisciplinar, esta linha busca compreender a diversidade sociocultural destas populações atuais e pretéritas, pautando-se em reivindicações das comunidades indígenas com relação à memória, história e cultura. A integração dessas diferentes abordagens tem o intuito de conferir um caráter histórico para a situação contemporânea das populações indígenas, prerrogativa necessária para atuação em discussões relativas ao lugar do indígena na sociedade brasileira e no mundo, sua diversidade e perspectivas de futuro.</p>					
Metodologia:					
<p>A disciplina é dividida em 4 módulos, cujos conteúdos abordados são sintetizados abaixo do título do módulo. Para cada módulo serão indicadas leituras obrigatórias. Todas as leituras indicadas estão disponíveis em PDF com o link indicado no plano de ensino e/ou no moodle.</p> <p>Debate dos textos indicados: Um número reduzido de textos foi selecionado para o seminário, sua leitura é individual sendo cada estudante responsável por ler e debater os textos propostos em cada aula, refletindo sobre o conteúdo dos textos e discutindo-os em relação à sua própria pesquisa.</p> <p>Os Fóruns de Compartilhamento Os fóruns de compartilhamento do Moodle, servirão como espaços para debate ao longo de toda a disciplina, podendo servir de apoio ao debate realizado em sala de aula e no compartilhamento das pesquisas dos estudantes. O material ficará disponível e visível para todos os estudantes matriculados que podem comentar/perguntar/sugerir no próprio fórum o material compartilhado.</p> <p>Legislação: Não será permitido gravar, fotografar ou copiar as aulas disponibilizadas no Moodle. O uso não autorizado de material original retirado das aulas constitui contrafação – violação de direitos autorais – conforme a Lei nº 9.610/98 – Lei de Direitos Autorais.</p>					

Conteúdo programático com cronograma e atividades:

Aula 1:

Apresentação geral do seminário e participantes

Módulo 1: Situar-se

Para começarmos a pensar na colonialidade e sobre uma experiência anticolonial, precisamos partir da ideia de que o nosso pensar, sentir e agir é situado. Isto quer dizer, ele não é independente de quem eu sou (mulher, homem, branca, negra, indígena, economicamente privilegiada ou vulnerável, periférica, etc.). Situar-se é um primeiro passo para agirmos contra um discurso neutro que escamoteia um discurso masculino, branco, ocidental e elitizado.

O que fazer?

Assim, proponho que nossa primeira ação é refletir sobre quem somos e como isso afeta nossa fala, nossa narrativa, nossas construções acadêmicas.

Aula 2

O que ler?

Djamila Ribeiro. O que é Lugar de Fala? 2017

<https://www.sindjorce.org.br/wp-content/uploads/2019/10/RIBEIRO-D.-O-que-e-lugar-de-fala.pdf>

Aula 3: Apresentação de uma pesquisa e debate

Módulo 2: Entremear-se

Construções coletivas, horizontais, inclusivas, plurais são também buscas anticoloniais, uma vez que deslocam, pluralizam o sujeito de autoridade, que centraliza, homogeneiza subalterniza outras formas de saber e estar no mundo. Situando nossa experiência, podemos pensar em formas de agir com outros, formas de troca de saberes em que não busquemos narrativas únicas, mas que acomodem suas diversidades, que entendam os interesses e benefícios de cada um na construção. Um fazer em rede é um processo constante de troca, de cultivo, de cuidado.

O que fazer?

Proponho que em possamos refletir e debater sobre metodologias de rede, não como métodos dados e prontos, mas compartilhamentos de experiências e processos que podem nos ajudar a lidar com situações diversas. A partir deste debate propor ações concretas para o grupo e para sua pesquisa em particular.

Aula 4

O que ler?

SILVA, F.A., 2012. O plural e o singular das arqueologias indígenas. Revista de Arqueologia, 25(2)24-42.

Aula 5: Apresentação de uma pesquisa e debate

Aula 6

KRENAK, Ailton. "Eu e minhas circunstâncias". In COHN, Sergio (Org.) Ailton Krenak. Rio de Janeiro: Azougue, 2015: 236-259. https://issuu.com/pensamentobrasileiro_revista/docs/encontros_ailton_krenak_azougue

Aula 7: Apresentação de uma pesquisa e debate

Módulo 3: Afetar-se

A narrativa científica, em seu mito de neutralidade, não apenas apagou os sujeitos de fala, centralizou sua autoridade, como naturalizou a falácia da "neutralidade" como distanciamento do sentir, camuflado na ideia de objetividade. O

conhecimento indígena, assim como outras formas de conhecimento não-ocidentais, e mais recentemente a crítica anticolonial, já demonstraram a importância das formas como nos afetamos com as coisas, as pessoas, ações, experiências. Se permitir afetar, trazer este sentimento não descolado de seu pensamento é levar à sério a crítica anticolonial à objetividade neutra. A ideia é que tudo o que fazemos e pensamos está intrinsecamente afetado pelos nossos sentimentos e envolvimentos, a diferença é se nós vamos invisibilizar estes (des)afetos, naturalizando nossos discursos como distâncias da experiência vivida, ou se vamos trazer tais envolvimentos afetivos à reflexão e pensar como eles influenciam, tecem e marcam nossas escolhas teóricas, metodológicas e interpretativas.

O que fazer?

Proponho que em possamos refletir e debater sobre nossos engajamentos político-sociais-culturais e experiências de vida e como eles marcam/tecem/influenciam nossas escolhas de pesquisa e ação. Após a reflexão: propor ações engajadas e como elas se tornam parte de nossas escrituras.

Aula 8

O que ler?

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. 2012

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/3476/serafetado.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Aula 9: Apresentação de uma pesquisa e debate

Aula 10

Evaristo, Conceição. (2009). Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*. v.13, n.25, p. 17-31.

<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6160270>

Aula 11: Apresentação de uma pesquisa e debate

Módulo 4: Semear

Por fim, se a desconstrução anticolonial passou por um deslocamento da centralidade do sujeito que o produz o conhecimento, enquanto ele se constrói no múltiplo, esse passo é intensificado como ativamente saímos de lugar único de sua comunicação e transmissão. Sair da academia, sair da universidade, quer dizer se engajar com as pautas sociais, ir às ruas, às aldeias, deslocar a reflexão para outros lugares. Mas para isso sua forma também tem que mudar. Tirar a centralidade da escrita, arejar o linguajar acadêmico, tornando-o compreensível, sem que se perca seu conteúdo. Mergulhar no diálogo com produções artísticas, expressões visuais, sonoras e tantas outras. Um desafio novo que temos pela frente. Sair da ideia de que "extensão" como um conhecimento pronto que se origina no interior da universidade e é "simplificado" para fora - para um construir conhecimento recíproco, no próprio processo de deslocamento.

O que fazer?

Proponho que façamos uma reflexão sobre como somos afetados em nossas experiências e engajamentos, quais são os sujeitos e interlocutores que de alguma forma constroem esta experiência e como construir uma prática de pesquisa em que possamos dialogar e incluir estes diversos sujeitos, nos indagando, há interesse deles tb nessa construção? estou pronto para ser questionado? estou pronto para deslocar meu lugar de centralidade? qual é a linguagem que compartilhamos? ela é apreendida horizontalmente?

Aula 12

O que ler?

Paulo Freire. Pedagogia do Oprimido. <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Pedagogia-do-Oprimido-Paulo-Freire.pdf>

Aula 13

SANTOS, BOAVENTURA DE SOUSA. O fim do império Cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. Capítulo 6: Descolonização Cognitiva: uma introdução, p.161-210.

Aula 14: Encerramento do seminário

CRONOGRAMA DE AULAS

Conteúdo	Datas	Horários
Aula 1: Apresentação do seminário	09/09	9-12hs
MÓDULO 2: situar-se		
Aula 2: Leitura e debate de Texto	16/09	9-12hs
Aula 3: Apresentação lugares de fala Fórum (1)	23/09	9-12hs
MÓDULO 2: Entremear-se		
Aula 4: Leitura e debate de Texto	30/09	9-12hs
Aula 5: Apresentação e debate de pesquisa Fórum (2)	07/10	9-12hs
Aula 6: Leitura e debate de Texto	14/10	9-12hs
Aula 7: Apresentação e debate de pesquisa Fórum (3)	21/10	9-12hs
MÓDULO 3: Afetar-se		
Aula 8: Leitura e debate de Texto	28/10	9-12hs
Aula 9: Apresentação e debate de pesquisa Fórum (4)	04/11	9-12hs
Não haverá encontro	11/11	9-12hs
Aula 10: Leitura e debate de Texto	18/11	9-12hs
Aula 11: Apresentação e debate de pesquisa Fórum (5)	25/11	9-12hs
MÓDULO 4: Semear		
Aula 12: Leitura e debate de Texto	02/12	9-12hs
Aula 13: Leitura e debate de Texto	09/12	9-12hs

	Aula 14: Encerramento do seminário	16/12	9-12hs	
Avaliação:				
<p>A nota será individual atribuída a partir de duas notas, uma relativa a apresentação de sua pesquisa e debate em sala de aula e outra com a entrega de um trabalho final.</p> <p>Trabalho final: ao final da disciplina, deverá ser entregue uma avaliação final escrita, podendo ser uma das 3 opções:</p> <ul style="list-style-type: none"> - seu projeto de pesquisa revisado com inclusão de temas e/ou textos debatidos ao longo do seminário (5 páginas); - artigo relativo ao seu projeto de pesquisa em que aborde um dos temas e/ou textos abordados ao longo da pesquisa (15-20 páginas) - capítulo de sua tese/dissertação em que aborde um dos temas e/ou textos abordados ao longo da pesquisa (20 páginas) <p>Os formatos acima mencionados são relativos à fonte Times New Roman, tamanho 12, espaçamento 1,5.</p>				
<p>Observações:</p> <p>SOBRE PLÁGIO</p> <p>Todas as avaliações escritas entregues, exceto os fóruns que serão realizados diretamente via Moodle, devem ser entregues digitalmente em word ou PDF exclusivamente via Moodle e serão submetidas aos softwares anti-plágio. Tendo sido constatado plágio o/a aluno/a automaticamente terá sua nota zerada.</p>				
Bibliografia:				
<p>EVARISTO, Conceição. (2009). Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. <i>Scripta</i>. v.13, n.25, p. 17-31. https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6160270</p> <p>FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. 2012 https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/3476/serafetado.pdf?sequence=1&isAllowed=y</p> <p>FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Pedagogia-do-Oprimido-Paulo-Freire.pdf</p> <p>KRENAK, Ailton. “Eu e minhas circunstâncias”. In COHN, Sergio (Org.) Ailton Krenak. Rio de Janeiro: Azougue, 2015: 236-259. https://issuu.com/pensamentobrasileiro_revista/docs/encontros_ailton_krenak_azougue</p> <p>RIBEIRO, Djamila. O que é Lugar de Fala? 2017. https://www.sindjorce.org.br/wp-content/uploads/2019/10/RIBEIRO-D.-O-que-e-lugar-de-fala.pdf</p> <p>SANTOS, BOAVENTURA DE SOUSA. O fim do império Cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. Capítulo 6: Descolonização Cognitiva: uma introdução, p.161-210.</p> <p>SILVA, F.A.,2012. O plural e o singular das arqueologias indígenas. <i>Revista de Arqueologia</i>, 25(2)24-42.</p>				